

# BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XX — No. 6  
JUNHO de 1979

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau  
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Germer Industrial S. A. — Timbó  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XX

JUNNHO DE 1979

Nº. 6

## — S U M Á R I O —

Página

|  |     |
|--|-----|
| HANS STADEN . . . . .                                  | 150 |
| VIAGEM HISTÓRICA . . . . .                             | 152 |
| O BARRACÃO DOS IMIGRANTES EM BLUMENAU . . . . .        | 154 |
| CARTA DE PE. SUNDRUP A UM AMIGO, NA ALEMANHA . . . . . | 155 |
| SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU . . . . .              | 158 |
| PRESENÇA ALEMÃ NA HISTÓRIA DO BRASIL - I . . . . .     | 164 |
| SUBSÍDIOS HISTÓRICOS . . . . .                         | 167 |
| ACONTECEU . . . . .                                    | 169 |
| ESTANTE CATARINENSE . . . . .                          | 172 |

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 80,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 80,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 180,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Figura hoje em nossa capa, a foto da pequena locomotiva utilizada em manobras, quando da construção da E.F.S.C. e apelidada carinhosamente por “Macuca”. Foi construída na Alemanha e aqui chegou com os primeiros assessórios que deram início às obras de implantação da linha férrea Blumenau-Hansa. A fotografia faz parte do Museu da Família Colonial.

# HANS STADEN

Por Enéas Athanázio

Nascido em Homberg, pequena cidade de Hesse, na Alemanha, Hans Staden tinha o gosto da aventura. O recém descoberto Brasil, — então confundido com a América, — bulia com a sua imaginação e isso o conduziu a engajar-se como artilheiro em navio português e, depois de longa e perigosa viagem, veio até Pernambuco, retornando à Europa.

Em 1553, alguns anos depois, embarcou numa nau espanhola, com destino ao Prata. Não foi feliz, porém, e acabou naufragando nas costas de São Vicente, salvando-se a duras penas. Em terra, apavorado e faminto, ficou a perambular ao acaso, acabando por descobrir Itanhaém, pequena vila lusitana, onde foi muito bem recebido.

Tanto São Vicente como Itanhaém estavam próximas à zona dos índios tupinambás. Antropófagos e inimigos jurados dos portugueses, esses gentios não davam paz aos moradores, atacando-os com frequência. Daí a idéia de construir um fortim na Bertioga, cortando o canal de acesso inimigo, mas que se encontrava ao abandono por falta de um artilheiro experimentado. A chegada imprevista de Hans constituiu-se, assim, num autêntico presente dos céus e ele ali permaneceu, como guardião contratado, por quase dois anos e meio.

Um dia, Hans saiu à caçar na floresta. Por azar da sorte foi aprisionado por um bando de tupinambás, que o julgavam português, e conduzido para a taba. Na sua entrada, mancolejando de uma perna ferida, obrigaram-no a gritar seguidamente:

— Eis a vossa comida que vem pulando!

Todos os índios, em especial as mulheres, receberam o apreciado petisco com gritos e cantos de viva alegria. Despido, foi depilado com uma navalha tosca, espécie de lasca de cristal engastada em cabo grosseiro, enquanto o belo sexo da tribo discutia ao seu redor a quem caberia este ou aquele naco do seu corpo. Depois foi colocado em lugar seguro e passou a ser tratado de modo especial para que engordasse com rapidez. Percebendo a intenção dos índios, Staden se recusou a comer, mas foi advertido de que não o fizesse sob pena de ser comido de imediato, antes que sobreviesse o emagrecimento. Comer, concluía o desaventurado, era viver, ingerindo porções de caça mal assada e roletes de estranhas raízes.

Baldadas as tentativas de fuga, o jovem alemão tratou de contemporar. Procurou amizade com os índios, pretextando sempre que era francês e amigo, e não “pero”, como eles nomeavam os lusos. Ensinava-lhes remédios e cuidados com a saúde, atribuindo todas as doenças e males à ingestão de carne humana. Não lhe davam crédito e, para seu desespero, apalpavam-lhe o corpo glabro com olhares gulosos.

Certa feita, acometido de grave nevralgia, Hans não pôde co-

mer. Recebeu a visita do “dentista” da tribo, munido de desconforme alicate, que desejava extrair-lhe a dentadura. Entre risos e com a mais alegre das caras, o marujo passou a ingerir tudo que lhe davam, jurando que a dor sumira por encanto, embora padecendo no íntimo dos maiores horrores.

Graças aos seus prodígios de imaginação, Staden foi protelando sua execução. Viveu em várias tabas, mudou de mão algumas vezes, trabalhou para os índios e, em duas ocasiões, foi recebido pelo morubixaba, o próprio Cunhambebe, em pessoa. O grande chefe refestelava-se com uma canela humana. Staden, com o estômago às voltas, procurou convencê-lo de que era francês, mas Cunhambebe, espalhando a mão no volumoso ventre, sorriu incrédulo:

— Todos os cinco portugueses que comi eram mentirosos!

Transferido para a taba de Itaquaquecetuba, o artilheiro começou a obter progressos. Convenceu os captores de que era realmente francês; disso eram prova os cabelos louros, os olhos azuis, a pele clara. Após oito meses de cativo foi, afinal, libertado. Os próprios indígenas o conduziram à nau francesa “Bel Eté” e a despedida foi de verdadeiras amigas. Prometeu voltar com um navio repleto de presentes, mas escusa dizer que a promessa não foi cumprida.

Retornando à Europa, Hans Staden descreveu suas aventuras. Embora de poucas letras, deu-lhes uma impressionante feição de verossimilhança. O livro foi revisto e prefaciado pelo Dr. Zychman, médico de Marburgo, que lhe deu um estilo confuso e encruado, dificultando a leitura e conseqüente difusão. Como relato aventureiro, além de viva e autêntica, a obra em nada perde para o “Robinson Crusoe”. Publicado em 1557, na mesma cidade de Marburgo, sob o título de “Meu cativo entre os selvagens do Brasil”, foi o primeiro depoimento a respeito de nossa pátria, surgido apenas 57 anos depois do nosso descobrimento.

Embora pertencendo à sua pré-história, o livro do aventureiro alemão é como um marco zero da nossa literatura. Foi traduzido no Brasil por Monteiro Lobato, que também o adaptou para as crianças e o divulgou através de diversos artigos.

#### **Bibliografia para os interessados:**

- 1 — Enciclopédia Brasileira Globo — P. Alegre — 1971 — vol. XI (outras enciclopédias, também registram);
- 2 — “Monteiro Lobato, vida e obra” — Edgard Cavalheiro — Brasiliense — S. Paulo — 1955 — vol. II;
- 3 — “Hans Staden” — Monteiro Lobato — Brasiliense — S. Paulo — 1964 — (infantil);
- 4 — “O primeiro livro sobre o Brasil” — Monteiro Lobato — in “Na antevéspera” — Brasiliense — S. Paulo — 1959 — págs. 25 e segs.;
- 5 — “Curso prático da língua portuguesa e sua literatura” (trabalho de equipe) — Editora Formar — S. Paulo — 1966 — págs. 19/20.

# Viagem histórica

Condensado do "Trentini Nel Mondo", nº. 10, outubro de 1978

(P. Victor Vicenzi)

Uma página, uma longa e comovente página de afetos, recordações, de encontros, de descobertas, foi escrita na história da imigração trentina, pela viagem e estada em Trento, nos primeiros dias de outubro de 1978, da delegação que representou o Vale do Itajaí, onde residem mais de cem mil habitantes oriundos daquela terra italiana.

Eles representam, na verdade, um imenso oásis de trentinidade, no Brasil, dos mais significativos e tradicionais de toda a história da emigração da Província Autônoma de Trento, em vista do dialeto, que ainda é por todos falado, pelos costumes, pela religião, pelo mesmo tipo físico dos habitantes e pelo seu modo de vestir e viver.

A delegação era formada pelos prefeitos de quatro cidades do Vale do Itajaí, que em 1975 comemoraram 100 anos de imigração trentina: Ludovico Voltolini, prefeito municipal de Nova Trento; Estácio Pissetta, prefeito municipal de Rodeio; Leandro Possamai, prefeito municipal de Acurra; Helmut Jansen, Prefeito Municipal de Rio dos Cedros, acompanhados de ilustre comitiva.

O motivo histórico desta visita estava ligado ao convite oficial formulado pelo governo da Província de Trento através do aessor das atividades culturais, Dr. Guido Lourenzi, que havia participado e dirigido as delegações da Província, nos festejos do centenário de Nova Trento, Rio dos Cedros e Rodeio, em 1975.

Foi e é provavelmente a primeira vez que uma comunidade eradicada da sua terra há mais de um século, subsistindo num isolamento por muitas dezenas de anos, se encontra com as raízes insuprimíveis das suas origens, num retorno histórico como foi o do Vale do Itajaí, à terra dos seus bisavós.

A procura dos arquivos poeirintos das canônicas, de certificados de batismo e de casamento, o encontro de pessoas admiradas a ver tão ilustre visita, portadora de história dos antepassados, que há 100 anos desbravaram uma grande área do Estado de Santa Catarina, excedeu de modo excepcional ao impacto emocional do encontro com o povo de Trento, seu irmão.

O primeiro contacto com os descendentes trentinos de Santa Catarina com os de Trento, se deu no aeroporto de Linate em Milão. Na recepção estavam presentes: Franco Fronza, velho amigo do Brasil; Lino Guardini, responsável do jornal "Trentini Nel Mondo" e a srta. Ricarda Lorenzi, do Turismo Italiano. Uma condução especial levou a caravana do aeroporto de Milão diretamente a Trento, enquanto na viagem os hóspedes procuravam adivinhar a fisionomia do país que vinham redescobrir. A chegada a Trento se deu às 23 hs. do dia 29 de setembro. Após a recepção carinhosa pelas autoridades, a expedição

histórica foi hospedada na Vila San Nicolò, que o Arcebispo, Dom Gottardi, gentilmente cedera para esse fim.

Na tarde de sábado, 30 de setembro, a TV e a imprensa italianas, transmitiram para toda a Itália o histórico evento.

A primeira visita oficial, foi realizada nesse dia de sábado, à cidade de Borgo Valsugana, onde a banda de música, o coral, o povo e o prefeito, saudaram entusiasticamente os visitantes. Um grandioso espetáculo de fogos de artifício, encerrou a carinhosa manifestação naquela cidade, que encontrou a estrada de sua origem de inúmeras famílias catarinenses.

Igualmente popular e de intensa amizade, foi o encontro a Vigolo Vattaro, Vattaro e Bosentino, no dia seguinte, primeiro de outubro. Na concentração popular compareceram os três prefeitos das mencionadas cidades e todos juntos participaram dos festejos oficiais. Após, visitarem a velha casa onde nascera Amabile Visintainer, que aos 10 anos, em 1875, emigrara com seus pais para Nova Trento e aí fundou a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição.

De grande solenidade revestiram-se ainda as visitas ao Presidente da Província, Dr. Grigolli; ao Presidente dos Deputados, prof. Marganari; ao Presidente da Junta Regional, Comendador Marziani; ao Prefeito de Trento e ao Arcebispo, Dom Gottardi.

Surpreendentes foram as visitas a São Miguel, no Ádige, ao Museu Etnográfico, ao Santuário da "Madona de Pinè", ao Duomo, ao Castelo do Buon Consiglio, aos complexos industriais Marsilli, Volani e a Gráfica Manfrini, a célebres cantinas de Cembra, Aldeno e Cività, onde se fabricam os melhores vinhos do Norte da Itália.

Em Gárdolo, a comissão foi homenageada no salão da Tromba, com a apresentação do célebre coro tradicional, que executou diversas canções também cantadas em Santa Catarina, enquanto a multidão aplaudia, ocasião em que o prefeito de Rio dos Cedros, Helmut Jansen em seu discurso, disse: "Se alguém dentre vós se lamentar de alguma coisa, diga que nós de descendência trentina de Santa Catarina, achamos que aqui tendes o paraíso na terra".

Saudosas e impressionantes as visitas a conhecidos, às casas dos antepassados, a redescoberta de antigos ceços etnográficos e o giro, embora rápido, a toda a região de Trento e cidades, de onde vieram os imigrantes do Vale do Itajaí, como: Samone, Lentiai, Villazzano, Belluno, Centa, Volano, Cavedine, Valda, Bieno, Scorello, Strigno, Strana, Vill'Agnedo, Albiano, Ceola, Morri, Terres, Pergine, Civezzano, Cognola, Meano, Valsugana, Segonzano, etc.

Os pedidos de informações, as perguntas, os colóquios, e os inúmeros momentos emocionais, fizeram com que a delegação voltasse, depois de 15 dias de estada, à terra Catarinense, feliz e maravilhada, pelo fato do povo que encontrou, pelos incomparáveis panoramas da natureza, pela grandiosidade estupenda da Cordilheira dos Alpes, das montanhas e vales, de onde vieram os desbravadores italianos, que se estabeleceram em Santa Catarina.

# O barracão dos imigrantes em Blumenau

— Hermann Stoeer —

Nas “conversas de um velho colono de Blumenau” (Plaudereines alten blumenauer Kolonisten) no livrinho de José Deeke “Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte” (O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento — 1917) achamos realísticos relatos sobre os inícios de Blumenau que merecem não ser esquecidos. O velho colono de Blumenau relata o seguinte:

“Chegamos aqui em 1856, um pequeno grupo de imigrantes, “novos alemães” como éramos chamados, de todas as partes da — naquela época não unida — pátria alemã. Na maioria, éramos pobres, porém honestos lavradores.

Foi no verão, pouco antes de Natal quando fomos parar na assim chamada “Praça da Cidade”. A praça já existia, mas cade cidade? Desta não se via nada por enquanto. Um único edifício poderia ser chamado de casa. No mesmo ficava o único armazém de toda Blumenau e ao mesmo tempo escritório do diretor da colônia. Todas as outras construções nada mais eram que tristes e decrepitas casas de barro com telhado de palha, ainda parcialmente abertas.

Onde hoje se erguem palácios residenciais, naquela época ainda as copas das árvores se toca-

vam. Macacos brincavam por entre o arvoredo, apesar dos caçadores.

Não longe da desembocadura do Garcia no Itajaí, erguia-se a construção mais importante para o imigrante — o **barracão dos imigrantes**. Não parecia muito convidativo por fora nem o era por dentro. Comprido e estreito, dividido em muitos compartimentos, com triste semelhança à um estábulo onde se separam os boves das cabras com cria.

Naturalmente o único material de construção empregado era o palmito, cujas folhas o cobriam. As paredes um dia haviam sido cobertas de barro. Mas as frequentes enchentes já há muito haviam lavado este barro que se acumulava fora e dentro misturado à lama do chão. Janelas e aberturas foram consideradas superfluas; a porta não havia sido colocada, e o lugar era indicado por uma larga abertura na parede, servindo assim ao mesmo tem para ventilação. O chão era de terra batida que não havia sido planada.

Para encher as medidas, uma junta de bois havia escolhido o barracão como seu lar, usando uma vez aquele compartimento, mas deixando em todos sua clara legitimação. Também no teto havia sinais dos animais de modo que havia suficiente iluminação de ci-

ma. Esta triste construção fora batisada com o pamposo nome de “casa de recepção”, e os compartimentos eram chamados de quartos.

Os recém-vindos felizmente ainda não tinham esquecido as alegrias e o conforto da entreponte, de maneira que entraram sem resmungar. Apenas alguns que haviam conhecido melhores dias na Europa, murmuravam algo nas suas barbas que soava bem pouco elogioso. Mas que adiantava? Todos tinham que se submeter. Outra casa não podia ser arranjada, sem com a maior boa-vontade, portanto tratava-se de fechar olhos e nariz e entrar. E realmente foi mais fácil do que muitos pensaram. Uns ajudavam os outros a arrumar o novo lar, que após algum tempo, parecia até confortável.

No entanto, foi esta a época dos nossos maiores sofrimentos. Auxílio não havia. A maioria era poupérrima, alguns até tinham

dívidas quando chegaram, e o lucro era quase nulo. Juntava-se a isto o longo e desusado calor, os insetos dos quais não havia como escapar, a mudança de alimentação e as dificuldades de aclimação. Muitos tinham também “Heimweh” (quem quer traduzir esta palavra?). Enfim, sucedeu-nos como a todos os novatos; tínhamos que acostumar-nos a viver nestas condições completamente diversas. Alguns acostumavam-se rapidamente. Outros, por muito tempo, não puderam esquecer a pátria. Conheço companheiros de travessia aos quais ainda hoje assomam lágrimas aos olhos, ao pensamento da pátria. E no entanto, quantos anos passaram! Mas é uma coisa singular da terra em que se nasceu — esquecer ninguém pode. Porém, mesmo assim, poucos foram os que voltaram; mesmo aqueles que poderiam ter ido, ficaram. Porque encontrávamos aqui o que para o pobre lá era inatingível — liberdade e terra própria”.

---

## Carta de Pe. Sundrup a um amigo, na Alemanha

Aluisius Carlos Lauth

O articulista de “Monsenhor Sundrup”, Elly Herkenhoff (1), tentou mostrar a vida laboriosa deste alemão que se entregou à terra catarinense de modo humilde e despretençioso. E o conseguiu. Entretanto, não abordou sua provisão de Coadjutor das Paróquias de Brusque, Tijucas, São João e Porto Belo, de 26 de novembro de 1901; e de Fabriqueiro-Administrador dos Bens da Mitra em Azambuja, de 1º de setembro de 1905. Aí aprendeu de Pe. Antônio Eising a lição de fundar escolas e de construir igrejas. Ambos missionários tiveram “espírito de construtor” (2).

Outra ressalva: em 1919-21, seus contatos com o então Pe. Jaime de Barros Câmara, recém-ordenado, e estando no Rio de Janeiro,

animara-o a seguir para Copacabana e assumir a Paróquia de Resende, em 1930.

Julgando integrar sua biografia, anexo carta, traduzida de um velho jornal alemão, por uma Irmã da Divina Providência, e que se encontra no Arquivo D. Jaime de Barros Câmara, de Azambuja.

#### NOTAS

- (1) Rev. **Blumenau em Cadernos** n.º 2 e 3, 1979.
- (2) Melhores informações em BESEN, J. Artulino, **Azambuja, 100 anos**, Brusque, 1978.

**“Brusque, aos 13 de abril de 1902**

Prezado Senhor

Hoje quero falar-lhe de uma empresa um tanto ousada, iniciada com muita confiança na proteção de Maria. A meia hora da cidadezinha quase alemã de Brusque, num vale idílico e silencioso, ergue-se uma Capelinha. Nela se venera um quadro antigo de N. Senhora, trazido pelos colonos italianos de Caravaggio, santuário célebre na Itália. Quantos aflitos partiram daqui consolados, quantos doentes curados, após terem implorado o auxílio de N. Senhora; as muletas e objetos de agradecimento o provam. Nossa Azambuja se torna lugar de peregrinação, no qual, em dias de festa, muito povo se reúne. Anos atrás, nosso vigário, o Pe. Eising, viu-se obrigado a construir uma Capela maior, na qual um de nós, de tempos em tempos, quanto possível, mas principalmente nas festas de N. Senhora, celebra as funções religiosas, para que o louvor de Maria ecoe também aqui, na mata virgem do Brasil.

Azambuja, porém, está longe de ser Telgte. Como poderia ser lugar de romaria sem ter um sacerdote constantemente a disposição, sem ter a S. Missa diariamente? Maria, a Santa Mãe de Deus, oferecenos justamente aqui em Azambuja abundantes graças. Poderão faltar então os homens que aceitem sua mão benfazeja? Não! Nós, os Missionários, devemos fazer tudo para que o lugar por Deus escolhido progrida e se eleve para a maior glória de N. Senhora. Que fazer então? Tomamos uma resolução ousada: compramos — a modo de Rotschild! — por 8.000 marcos, primeiramente o chão ao redor da Capela, inclusive duas casas de colono, para, com o próprio punho e com ajuda de gente boa criar uma grandiosa obra de misericórdia em Azambuja.

Somente a paróquia de Brusque, sem contar as três outras paróquias de que também devemos cuidar, conta cerca de 10.000 habitantes. Naturalmente existem muitos doentes, principalmente bem pobres e abandonados, também cegos e aleijados, desamparados, etc.... Para estes pretendemos abrir em Azambuja um Hospital e um Asilo, pois até hoje não existe Hospital por aqui. Diz o Divino Salvador: “Vinde a mim todos, vós que andais oprimidos e sobrecarregados...”

Os oprimidos, os pobres doentes, os anciãos abandonados, estes são os que chamaremos a N. Senhora, a Azambuja, para aí levarem seus dias como filhos adotivos de Maria e veneradores permanentes de seu Santuário.

A segunda finalidade da fundação em Azambuja será a abertura de uma escola primária. Quanto ao ensino e à educação da juventude e até dos adultos, existem no país condições lamentáveis. Não há obrigação de ir à escola. Além disso, poucas escolas existem e, quando o governo em qualquer parte abre uma escola, a Lei do Estado diz: “Não se deve ensinar Religião — nem rezar”.

Aqui em Brusque temos, graças a Deus, boa Escola Paroquial. Também em outros lugares, principalmente nas colônias alemãs, há diversas escolas católicas. Assim mesmo, faz-se sentir a grande falta de escolas e, principalmente, de professores prontos a sacrificar-se. Também nesse sentido, N. Senhora, que é a Sede da Sabedoria, nos queira ajudar para abriremos em Azambuja uma escola para as crianças de qualquer nacionalidade.

A terceira finalidade da nossa Instituição seria um “Lar para neo-comungantes”. Nesta paróquia tão extensa, com 50 km de diâmetro, moram tantas famílias afastadas, até isoladas na mata virgem. As crianças se criam não somente sem escola e sem ensino religioso, mas ainda quase nunca entram numa igreja ou capela e pouco sabem do bom Deus. Quando afinal se apresentam, algumas palavras de instrução devem bastar para se consentir que façam sua primeira Confissão e Comunhão. As lindas festividades de uma Primeira Comunhão solene, muitas crianças daqui jamais as conhecerão. Além disso, frequentemente, acontece que até noivos, ao solicitarem casamento, devem preparar-se antes de tudo para a primeira Confissão. Lastimoso para o futuro! Mas N. Senhora, o Auxílio dos Cristãos, há de ajudar também nisto, possibilitando que, junto ao seu Santuário, se instale uma casa que sirva, por um tempo, de moradia para as crianças coitadinhas receberem o ensino mais necessário, inclusive uma boa preparação para a Primeira Comunhão. É essa a empresa mais urgente e importante, digna de todo gênero de sacrifícios e que atrai benção para o futuro.

São esses, prezado amigo, nossos planos para o futuro próximo. Já se solicitaram algumas Irmãs da Divina Providência para a direção desta tríplice atividade. Dentro de três meses, primeira metade do inverno para nós aqui, enquanto vocês aí têm o verão, a Casa se abrirá. “Empresa esplêndida”, dirão talvez; mas está longe de ser luxo. Como aí se lamentariam se, em lugares maiores não houvesse um hospital, se faltassem escolas, se não se desse ensino às crianças! Não é luxo, pois. Mas é certamente ousado, quase temerário, mormente num país onde nós, sacerdotes, não ganhamos um tostão de ordenado nem do Estado nem da Frequezia — devendo viver das espórtulas e de eventuais esmolas dos colonos. Duplamente difícil é essa

empresa justamente agora, nestes tempos difíceis em que os produtos da lavoura quase não tem valor, de maneira que os colonos, na maioria, são gente pobre...

Mas é mesmo por isso, vendo que a pobreza e a necessidade aumentam, por isso é que o Missionário deve ajudar, quanto lhe for possível. Assim, iniciamos, confiantemente, em Azambuja. Maria, Socorro Perpétuo, ajudará. E ajudará por intermédio das pessoas bondosas que nunca faltarão. Nossos colonos, e não em último lugar os alemães, ajudam fielmente. Faltando os recursos para a maior parte deles, prestam seus serviços trabalhando grátis ou fornecendo madeira, etc. . . . Assim mesmo, falta de tudo ainda: nem sequer o terreno está bem pago .

Por isso, obrigado pela necessidade, devo dirigir-me a meus patricios e conhecidos na Pátria, bem como todas as almas generosas de lá. Ajudai, ajudai-nos no longínquo Brasil para a instalação e manutenção da nossa Casa em Azambuja, para maior glória de N. Senhora.

(ass.) Pe. José Sundrup”

---

## **Subsídios à Crônica de Blumenau**

(Por Frederico Kilian)

### **A visita do Embaixador da Alemanha à Colônia de Blumenau.**

No nº. 22 de 29 de Maio de 1897 e edições seguintes, encontramos um extenso relato sobre a visita do Embaixador da Alemanha, Dr. Krauel, à cidade e zona colonial de Blumenau, que em resumo passamos a consignar em “Blumenau em Cadernos”.

Relata o jornal que no dia 19 de Maio do referido ano, veio a Blumenau o Embaixador Dr. Krauel, cuja chegada era esperada somente para o dia 20, conforme programa organizado pela comissão de recepção; porém a firma Hoepke pôs à disposição do embaixador o vapor “Max” e assim antecipou-se sua viagem de Florianópolis a Itajaí, para onde se dirigiram ao seu encontro o cônsul alemão, Sr. Gustav Salinger e mais algumas pessoas. Avisados aqui da antecipação de sua chegada, reuniram-se à hora prevista, no cais do porto algumas sociedades de tiro, uma sociedade de cantores e a sociedade de ginástica; igualmente os alunos das escolas locais e seus professores compareceram ao local do desembarque, o qual se deu pelas 4 horas da tarde. O embaixador e sua comitiva foram recebidos pela Comissão de recepção, chefiada pelo Pastor Faulhaber e saudado com vivas e palmas dos presentes. Em breves palavras o Sr. Probst cumprimentou o Embaixador em nome das sociedades presentes, justificando a

ausência das demais, do interior, dada a antecipação havida de sua chegada.

Formado o préstito, dirigiu-se o Embaixador Dr. Krauel, em companhia do cônsul Alemão em Florianópolis, Sr. Carl Hoepcke, mais a comissão de recepção e populares até a residência do cônsul Sr. Gustavo Salinger onde o aguardava o Governador do Estado, Dr. Hercílio Pedro da Luz, que aqui cumprimentou, oficialmente, o ilustre visitante. Após o desfile das sociedades, o Embaixador Dr. Krauel falou da sacada do prédio, agradecendo a recepção festiva que lhe fora feita neste dia ensolarado que mostrava a natureza em toda a sua beleza, resplandescente nos rostos alegres e confiantes dos presentes, desejando que “aos milhares de alemães que para cá vieram e foram acolhidos por uma pátria generosa e dadivosa, venham se unir mais muitos outros milhares, que resolvem emigrar, por força de circunstâncias várias e aqui sigam o exemplo dos atuais pioneiros, enriquecendo com o seu trabalho e sua cultura este país, tornando-se, mesmo na conservação de suas tradições, como força moral de seu caráter e valor cívico, cidadãos úteis e leais à esta terra que escolheram para sua nova pátria e berco natal de seus filhos”.

Após a Sociedade de Cantores de Itoupava ter cantado o hino alemão e a banda de música ter executado o hino brasileiro, ambos ouvidos com respeito, desfez-se o préstito.

Às 7 horas da noite realizou-se um banquete no Teatro Frohsinn, oferecido pela população, em homenagem ao Embaixador Dr. Krauel, ao Governador Dr. Hercílio Luz e seus auxiliares.

Agradecendo a honrosa presença do Governador do Estado e a visita do Embaixador alemão, em seu discurso de cumprimentos a estas personalidades, o cônsul alemão, Sr. Gustavo Salinger encerrou suas palavras com um brinde à casa dos Hohenzoller e ao Imperador Guilherme II. A seguir falou o Pastor Faulhaber em nome dos blumenauenses, apresentando os cumprimentos ao Embaixador alemão, terminando com um “viva” a este, no que foi correspondido pelos presentes. Agradecendo a estas palavras, o Embaixador cumprimentou os presentes dizendo que já algumas vezes esteve em Itajaí, porém, por falta de tempo não visitara Blumenau, já que ali estivera sempre só de passagem, mas que agora, cumprindo uma ordem expressa do Imperador Alemão, viera a esta cidade para uma visita mais demorada e inclusive conhecer de perto a situação dos colonos no interior da colônia. Disse ter esperança que a imigração em breve tenha novo alento, pois pelas primeiras impressões aqui colhidas, esta terra promete dar aos imigrantes condições propícias para o seu desenvolvimento econômico e bem estar pessoal, finalizando com um brinde ao colono alemão e em especial a Blumenau.

A seguir o Sr. Felipe Doerck, cumprimentando o Governador Hercílio Luz, enalteceu sua figura como Governador do Estado e grande amigo de Blumenau e do imigrante alemão, brindando-o na segu-

rança da continuação destas boas relações entre os brasileiros das diversas origens que aqui trabalham e especialmente entre os governos do Brasil e da Alemanha. Em resposta, o Dr. Hercílio Luz exaltou os méritos do imigrante alemão, levantando sua taça num brinde à Alemanha, a pátria do Embaixador Dr. Krauel. — O cônsul Carl Hoepcke lembrou os méritos e sacrifícios do Dr. Blumenau, que foi o fundador desta colônia, que hoje já se destacava como modelo comunitário no cenário do país. O Sr. Scheeffer levantou um brinde à nação brasileira e o Sr. Luiz Abry proferiu o brinde de honra ao Presidente da República, Prudente de Moraes. Após o banquete o Embaixador, acompanhado pelo Governador, postou-se no alto da escadaria da Prefeitura Municipal para assistir ao desfile e marcha "aux flambeaux" da sociedade de ginástica e aos fogos de artifício.

No dia seguinte, 5<sup>a</sup>. feira, dia 20 de Maio, o Dr. Krauel visitou a Escola Nova e depois o Colégio St<sup>o</sup>. Antonio. Pelo meio dia, o Embaixador e o Governador Dr. Hercílio Luz, acompanhados de várias personalidades, dirigiram-se, em carros de mola, ao interior da colônia, notando-se em muitos lugares arcos de triunfos e filas de palmitos enfeitados com ramalhetes de flores, postados de ambos os lados da estrada. Em Indaial, os visitantes foram recebidos sob o espoucar de foguetes por populares e autoridades locais. No salão Lüders, um coro masculino cantou algumas canções e o Embaixador teve oportunidade de falar com velhos colonos, inteirando-se dos seus problemas, ouvindo nessa ocasião muitos relatos tristes, mas também dos êxitos alcançados após árduas lutas e incessante trabalho. Após tomar ligeiro refresco e petiscos e ter o Sr. Feddersen falado em nome da sociedade de cantores, todos prosseguiram viagem até Warnow, onde houve recepção com foguetes e vivas da população e cumprimentos no estabelecimento do Sr. Hoeschl, em cuja frente achavam-se postadas a sociedade de atiradores e a de cantores e ainda os alunos da escola local, cujas canções demonstraram ao ilustre visitante que além do trabalho na roça e pequenas oficinas, o colono e seus filhos dedicavam-se ainda à conservação das canções populares. Após curta demora prosseguiu-se na excursão, cuja meta nesse dia era a localidade do Neisse, porém uma forte trovoadá interrompeu a viagem e tiveram que pousar antes, parte em casa do senhor Schulze e outra parte na morada do senhor Replin, aí pernoitando.

Sexta-feira, 21 de Maio, já cedo prosseguiram na excursão, alcançando o Neisse na parte da manhã, onde, na filial do Sr. Feddersen, lhes foi servido um lanche e depois de curta demora reiniciada a viagem que daqui em diante tornou-se mais difícil e interessante, pois daqui é que partia a nova estrada para o interior da colônia ao longo do Rio Itajaí. Já que esta parte do caminho estava para ser concluída, aproveitou-se a oportunidade para mostrar ao Governador Dr. Hercílio Luz o andamento das obras. Ao mesmo tempo, queria-se mostrar ao Embaixador, Dr. Krauel, a zona designada à Companhia Hanseática

ca de Colonização, para colonizar esta região, dando ao Embaixador oportunidade para se inteirar pessoalmente das condições e perspectivas deste empreendimento e assim poder dar a sua opinião a respeito, quando interpelado pelos respectivos órgãos de seu país.

Após transposto o Ribeirão Neisse, apenas ainda algumas colônias se achavam ocupadas por imigrantes, havendo ainda alguns moradores brasileiros ali espalhados. O novo caminho corta uma zona ainda não cultivada, que serve de refúgio dos bugres que daqui já efetuaram vários assaltos aos moradores mais avançados. Com a abertura da nova estrada, o perigo irá desaparecer, pois, com o maior movimento, os bugres certamente se recolherão mais para o alto da serra. Aqui o vale do Itajaí se estreita bastante e íngremes paredões de pedra chegam perto das margens do rio. Um morro, sem vegetação, denominado "Morro Pelado" forma uma península banhada em três lados pelo Rio Itajaí. Após ter deixado para trás este morro, os visitantes chegaram ao rancho do Sr. Henrique Reif, empreiteiro deste primeiro segmento da nova estrada. O Sr. Reif, avisado que foi da visita que ia receber, havia providenciado algo de comer à oferecer aos visitantes, porém foi surpreendido com a chegada destes, quando ainda estava no preparativo do frugal comestivo. Os ilustres hóspedes tiveram assim oportunidade de conhecer também a vida alimentar que levam os imigrantes e trabalhadores do mato. Para o Governador Dr. Hercílio Luz, esta situação não era novidade, pois tendo exercido por muitos anos o cargo de Comissário de Terras em Blumenau e presidido os trabalhos de medição de terras, já tivera oportunidade de tomar parte em refeições nessas circunstâncias. A bem da verdade deve-se dizer, entretanto, que a refeição preparada e oferecida pelo senhor Reif, nada deixou a desejar quanto à sua quantidade, qualidade e sabor. Às 11 horas, teve prosseguimento a excursão para inspecionar a parte mais importante da estrada. O rio forma uma curva transversalmente ao seu rumo principal, num trecho de 2 quilômetros.

Deixando os carros, todos tiveram que vencer esta distância a pé; aqui os operários ainda estavam trabalhando com explosivos, para arrebear as pedras e abrir uma passagem para a nova estrada e para a construção de muros de arrimo. Um trecho do paredão já estava minado e pronto para a explosão, efetuando-se esta à vista dos visitantes que assim puderam avaliar as dificuldades na construção da estrada. No fim deste pequeno trecho desemboca o rio Subida e como ainda não existisse uma ponte, somente duas carroças atravessaram o rio, para conduzir os visitantes, para os quais a marcha a pé seria muito penosa. A maioria porém, preferiu seguir a pé. No morro da Subida, que se lhes apresentava adiante, já se via em duas voltas a estrada que se elevava a uma altura de 300 metros acima do nível do rio.

Esta parte da estrada também já estava pronta, com um ângulo ascendente de cerca 6%, proporcionando uma fácil ascensão, mesmo para veículos de pesada carga. Foram construídos vários muros de

arrimo e feitos cortes de passagens. Já vencido pelos andantes um bom trecho desta estrada, eis que de repente há um incidente imprevisito. Um tropeiro aparece e anuncia a chegada de uma tropa de bois bravos, aconselhando aos pedestres a procurarem um lugar seguro, afastado da estrada, o que não era tão fácil assim, entre aquelas encostas, muros de arrimo e abismos. Subindo uma parte desbarrancada, todos conseguiram contornar o perigo, aceitando o Embaixador, com muito humorismo esta cômica situação. Como a passagem da tropa não queria ter fim, o deputado, Sr. Luiz Abry, que estava a cavalo, assumiu por curto tempo a função de tropeiro e auxiliou os peões a acelerar a marcha da manada. Vencido este obstáculo, todos continuaram a marcha, num trecho de cerca 5 quilômetros, chegando então ao ponto culminante, de onde uma magnífica paisagem se abre às vistas, premiando em seu esplendor todo o cansaço da fatigante caminhada. Daqui, com o céu límpido daquele dia, os visitantes avistaram o marco inconfundível dos marujos, o "Morro Baú", como também o "Morro Cachorro" a leste e, para o norte, e oeste as vastas zonas dos vales dos rios Itajaí do Sul e do Norte, a "terra incógnita" que a Companhia Hanseática pretende colonizar com imigrantes alemães. Do cimo do morro, o trecho da estrada é da responsabilidade do empreiteiro Frederico von Ockel e foi percorrido numa extensão de cerca 2 quilômetros, porém não foi possível atender ao convite do Sr. von Ockel para ir até ao rancho deste, onde ele havia preparado uma ligeira merenda, já que o tempo era muito curto e os visitantes ainda pretendiam alcançar, em sua volta, os alojamentos encomendados. Retornando, foi feita uma breve parada na "Boa Vista", onde foi servido um refresco e apreciado novamente o belo panorama.

O Governador Dr. Hercilio Luz e sua comitiva da capital, acompanharam com grande interesse os trabalhos da construção da estrada e elogiaram-na muito, mormente quando o Governador lhes informou que as despesas não chegam nem à metade da quantia por eles estimada. Durante a excursão, o Governador teve um diálogo com o engenheiro Odebrecht, no final do qual este foi encarregado pelo Governador em prosseguir nos estudos para a continuação das obras da estrada até ao planalto, já que esta estrada era uma necessidade imprescindível para o desenvolvimento e progresso do Estado.

A construção da estrada não oferece maiores dificuldades do que as já vencidas até agora, conforme declaração dos senhores Odebrecht e Krohberger que já atravessaram a região por diversas vezes.

Em menor tempo foi realizada a descida até ao ponto onde os carros estavam à espera. Tomados estes e encetado o regresso, chegaram, já antes do cair da noite, ao ribeirão do Neisse, onde na filial do Sr. Feddersen, foi servido um lauto jantar aos excursionistas, reinando grande satisfação e alegria entre os presentes por tudo que puderam ver neste dia. Principalmente o Embaixador Dr. Krauel e o

Cônsul Sr. Carl Hoepcke manifestaram-se entusiasmados com o que viram, achando que valia a pena morar nesta região propiciosa.

Na manhã seguinte, sábado dia 22 de Maio, todos, ocupando os carros, regressaram a Blumenau, fazendo parada em Warnow, onde o Sr. Hoeschl mandou servir um farto almoço, preparado à moda da colônia, que agradou a todos, dado à variedade dos pratos servidos. Na localidade do Warnow o Embaixador e demais excursionistas assistiram ainda a uma demonstração de ginástica dos alunos da escola local e disputa de um prêmio em dinheiro que foi instituído pelo Embaixador, que ainda tomou contato com moradores, para saber de suas situações e modo de vida, a fim de ter uma noção exata das condições em que se acham os colonos.

No Indaial o grupo se dividiu, pois o Embaixador, em companhia do Cônsul Sr. Carl Hoepcke e destacados membros da colônia, atravessaram, de balsa, o rio Itajaí para visitar Timbó, enquanto que os demais acompanharam o Governador Dr. Hercílio Luz e sua comitiva até Blumenau.

Em Timbó aguardavam o Embaixador a sociedade de atiradores, em formatura, e a Sociedade de cantores em frente à casa do Sr. Frederico Donner, em cujo salão a Sociedade de Cantores apresentou várias canções alemãs. Ao convite para um jantar o Embaixador teve que declinar, pois a exiguidade do tempo forçava ao regresso, que foi feito pela outra margem do Rio Benedito até Indaial. Numa parada para troca de cavalos na volta, o Embaixador ainda teve oportunidade de participar, por curto tempo, de uma festa de casamento de colonos, alcançando os visitantes Blumenau ao cair da noite, após três dias de excursão pelo interior da colônia.

Dia seguinte, domingo, dia 23 de Maio, o Embaixador assistiu ao culto na Igreja Evangélica, externando louvores ao coro misto da comunidade que abrilhantou o ato religioso.

À tarde houve uma festa popular nas dependências da Sociedade de Atiradores, com apresentação de números de ginástica rítmica e em aparelhos, pelos ginastas da sociedade de ginástica e alunos da Escola Nova. À noite houve uma apresentação teatral no Teatro Frohsinn com a peça "Madame Flott" e exibição de números de magia pelo Sr. Pamplona, de Florianópolis, e ainda apresentações de números de cantores pelos coros masculinos e o coro misto das sociedades de cantos locais, cujos repertórios foram muito aplaudidos e mereceram elogiosas referências por parte do Embaixador. Após estas apresentações realizou-se ainda um animado baile que durou até altas horas da madrugada. Na segunda-feira, 24 de Maio, o Embaixador fez uma excursão ao Rio do Testo e Pomerode. Não obstante ter externado este desejo somente domingo à noite, sua chegada àquela localidade foi aguardada pelas sociedades de atiradores ali existentes, que estavam formadas festivamente em frente à residência do Sr. Luiz Abry. Na entrada da localidade e no centro desta haviam arcos de triunfo e a

rua achava-se ornamentada com palmitos e bouquês de flores. No salão do edifício, o Embaixador foi cumprimentado pelo deputado estadual Sr. Luiz Abry e atendeu, por mais de 4 horas a todos que o queriam cumprimentar, mantendo com eles animado diálogo e ouvindo os seus pedidos e desejos, pois os colonos, nas suas simplicidades, achavam que o Embaixador poderia solucionar todos os seus problemas ou satisfazer os seus desejos. À noite, o Embaixador regressou a Blumenau e no dia seguinte, terça-feira, deixou Blumenau e dirigiu-se a Brusque onde foi festivamente recepcionado à entrada da cidade pelas autoridades locais e sociedade de atiradores e, sob os acordes da banda de música conduzido até ao Hotel Bauer. À tarde visitou a fábrica Renaux, escola e a igreja e no dia seguinte fez uma excursão ao interior da colônia, seguindo à tarde para Itajaí de onde regressou ao Rio de Janeiro, tendo antes ainda enviado um ofício ao Cônsul, Sr. Salinger exprimindo os seus agradecimentos às autoridades e população blumenauense, pela cordial acolhida e cavalheresco tratamento que aqui teve, reafirmando as ótimas impressões que levava de Blumenau e sua gente.

O Governador Dr. Hercílio Luz, por sua vez, viajou na segunda-feira, dia 24 de Maio, para Massaranduba, para inspecionar as obras da construção da estrada que liga Blumenau a Joinville, passando por Massaranduba e Bananal (hoje Guaramirim), da qual se achava já pronto um trecho de 27 quilômetros a contar do lote N.º 58, faltando apenas mais 7 quilômetros para alcançar a ligação para Joinville.

A viagem de Blumenau a Massaranduba o Governador fez de carro de mola, em apenas duas horas e meia o que demonstra o excelente estado desta estrada. O último segmento faltante de 7 quilômetros da estrada foi logo dado em empreitada, com praso de 5 meses para a sua conclusão. Quarta-feira, dia 26 de Maio, na parte da manhã, o Governador visitou ainda as escolas em Blumenau, embarcando pelo meio dia no vapor "Blumenau" com sua comitiva, rumo a Itajaí, de onde regressou à capital do Estado.

---

## PRESENÇA ALEMÃ NA HISTÓRIA DO BRASIL - I

# Schaeffer, amigo de Pedro I, mas confidente da Imperatriz

Gladis L. P. Braga e Archibaldo Figueira  
do Instituto de Pesquisas e Assessoria do Congresso

A marcante presença alemã por toda a História do Brasil não poderia estar melhor assinalada do que na própria Bandeira nacional.

Com efeito, tão logo D. Pedro de Alcântara repudiou as ingerências das Cortes de Lisboa nos negócios do Brasil, às margens do Ipiranga, a 7 de setembro de

1822, determinou a adoção do verde e do amarelo como cores nacionais.

“Verde” — explicou em 1823 o Agente Diplomático do Brasil na Áustria, Antonio Teles da Silva Caminha e Meneses, ao Príncipe Von Metternich —, “significando a tradição da Casa de Bragança; amarelo, simbolizando a Casa de Lorena, da Família Imperial, Austríaca”.

D. Pedro era casado com Dona Maria Leopoldina Josefa Carolina, Arquiduquesa da Áustria, filha do Imperador Francisco II da Alemanha (1792) e I da Áustria (1801), Rei da Hungria e da Boemia.

D. Leopoldina mantinha intensa correspondência com a Europa. Um de seus correspondentes favoritos era o Major Georg Anton Von Schaeffer, amigo do Imperador brasileiro, incumbido de recrutar soldados e oficiais alemães para o Corpo da Guarda Imperial. A correspondência da Imperatriz com o Major, das mais íntimas, retrata alguns dos mais importantes episódios da História do Brasil.

Sobre a crise do Fico, escreveu-lhe ela de Santa Cruz, para onde se deslocara, por questões de segurança:

“Julgo que seria melhor que os valorosos brasileiros deixassem meu esposo organizar o governo aqui, segundo a sua vontade, pois do contrário poderia essa pequena circunstância impedir que ele ficasse”.

D. Leopoldina, explica Gilberto Ferraz (1), identificava-se exatamente com a posição de marido

e, mais do que isso, com as substanciais providências em andamento no sentido da organização da delegação que foi a D. Pedro pedir-lhe que não regressasse a Lisboa.

Mais tarde, quando se deteriorava seu casamento com o Imperador, em consequência de suas ligações amorosas com a Marquesa de Santos, D. Leopoldina escreveu a Schaeffer que afligiam-na “mulheres infames, como se fossem Pompadour e Maintenon, senão piores, por não terem a mínima educação”.

O papel de Schaeffer não se resumiu, porém, ao de confidente da Imperatriz. Segundo o **Estado de São Paulo** (2), “sem a sua firmeza e determinação talvez a imigração oficial não se tivesse realizado”.

“Os imigrantes” — relata o jornal — “começaram a chegar depois das muitas peripécias a que foi obrigado o Major Schaeffer. O Imperador, na verdade, estava menos interessado em agricultores para colonizar do que em soldados; ele não confiava nos portugueses que continuavam servindo às tropas regulares, nem nos arroubos libertários de alguns brasileiros; precisava garantir-se constituindo a sua guarda, e a solução era aliciar mercenários europeus. Schaeffer tinha, no entanto, um vasto plano de colonização, que ele mesmo iniciara na Bahia, às margens do Jacarandá, onde fundara a colônia Frankental, em 1821. Era difícil a sua posição, pressionado pelo Imperador e a Imperatriz, que só pensavam na vinda de soldados: pa-

ra cumprir a missão de D. Pedro, ele teve de usar muitos subterfúgios, pois oficialmente era a sua missão contratar colonos na Alemanha e na Suíça. Os serviços secretos de Metternich, no entanto, descobriram o real sentido da sua missão, e Schaeffer — além de mal recebido — foi acusado de mercador de almas, pois a Europa não era simpática a Dom Pedro.”

Possivelmente a principal razão das antipatias européias por D. Pedro fosse menos a questão da mão de obra escrava e muito mais pelas suas ligações com a Marquesa de Santos.

Três dias antes de morrer, em 1826, D. Leopoldina escrevia à irmã, Maria Luísa, segunda mulher de Napoleão:

“Há quase quatro anos, minha adorada mana, como vos tenho escrito, por amor de um monstro sedutor me vejo reduzida ao estado da maior servidão e totalmente esquecida do meu adorado Pedro”.

Falou-se que fora envenenada. Seidler, suíço alemão contratado por Schaeffer para o exército imperial destinado à campanha cisplatina, comandava o navio **Caroline**, foi testemunha ocular do funeral da Imperatriz: “Ei de veras na noite desse ato” — escreve ele — as coisas no Rio estiveram muito críticas. Um movimento fora do comum reinava em todas as ruas, inquietação no porto, ondulação do povo nas praças públicas, mas tudo silencioso, fechado em si mesmo, se-

creto. Cada qual sabia o que queria e estava pronto a tomar parte ativa no primeiro rompimento. O Império trepidava em todas as suas juntas. Esperava-se de toda parte que as tropas alemãs exacerbadas pelo suposto assassinio da Imperatriz, tomassem armas e declarassem não mais obedecer a Dom Pedro. Mais de 700 moços brasileiros das melhores famílias, armados de pistolas e punhais, haviam-se reunido em torno do Convento da Ajuda, onde estava o esquife, e no Passeio Público, e mandaram oferecer sua colaboração às tropas alemãs.

Bastaria que um oficial fizesse o gesto e os soldados descontentes logo ter-se-iam sublevado; a revolta, crescendo como uma avalanche, ter-se-ia tornado revolução generalizada. Porém, sabia-se muito bem que aos brasileiros não importava vingar a Imperatriz, mas saciar o seu ódio contra o Imperador e atingir outros objetivos particulares; sabia-se que as tropas alemãs, mesmo que traíssem o seu senhor e tomassem o partido dos brasileiros só seriam pagas com ingratidão. Contudo, naquele dia tudo se manteve calmo; o povo engoliu em silêncio o seu rancor, não houve o primeiro impulso para a revolução, e perdeu-se o minuto favorável”. (3)

Notas: 1 ° Ferraz, Gilberto — **O Rio de Janeiro ao Tempo da Independência**

2 — **O Estado de São Paulo**, 26/11/78

3 — Seidler — **Ilha de Santa Catarina**, pág. 297

# Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

## Notícia de 23 dedezembro de 1865:

Dona Francisca. — As terras prometidas pelo Governo, a serem doadas aos voluntários depois do término da Guerra do Paraguai, devem ser escolhidas na Província do Pará — portanto na zona tropical, 1 a 6°. latitude sul. O presidente do Pará recebeu a incumbência do Ministro da Agricultura, de mandar medir, para esse fim, áreas nas margens dos rios Tocantins e Araguaia. Seria um erro grave se as terras designadas não se localizassem em outras províncias. Para os voluntários das províncias do Sul, sobretudo para os voluntários alemães, aqui já radicados, de nada serviria um lote de 45 morgos (1) na província do Pará. Tal lote, para eles, não teria mais valor do que uma área situada na lua. Seria de direito, de justiça mesmo, que as terras prometidas fossem escolhidas nas províncias do Sul, se possível nas proximidades das colônias. Por exemplo, os voluntários de Blumenau deveriam receber lotes das terras pertencentes ao Governo, nas proximidades de Blumenau, os voluntários de Dona Francisca devem receber lotes das terras do Governo, situadas na margem direita do Itapocu ou no traçado da Estrada da Serra. Do mesmo modo, também todos os outros voluntários deveriam ser recompensados assim. Isto seria razoável e justo, e só deste modo o Governo poderá provar que tem o firme propósito de dar aos voluntários aquilo que lhes foi prometido.

## Notícia de 13 de janeiro de 1866:

Dona Francisca. — No hospital de Joinville, no ano de 1865, ficaram internados 50 doentes, durante um total de 1.098 dias. Destes doentes, 37 eram habitantes da colônia e 13 das redondezas. Faleceram seis. As despesas da administração, sem os honorários do médico, importaram em 1.791\$110 Réis, dos quais 158\$720 Réis em objetos de uso, 61\$400 Réis em despesas com enterros, 16\$560 Réis em despesas com auxiliar de enfermagem, 69\$980 Réis em hospedagem de uma demente, 168\$520 Réis em construções e 1.315\$930 Réis na administração em geral. A importância recebida de doentes que pagaram o total ou uma parte das despesas, alcançou a soma de 312\$660 Réis, e portanto a despesa líquida da direção da Colônia importou em 1.478\$450 Réis.

### Notícia de 17 de fevereiro de 1866:

Blumenau. — Estatística da Colônia Blumenau do ano de 1865: Situação geográfica do centro — Latitude sul 26° 53' 16,5" — longitude ocidental de 49° 9' 15". — A Colônia foi fundada no ano de 1852 e desde 1860 sob administração do Governo do País. Acham-se cultivados cerca de 21.184,680 metros quadrados, enquanto existem à cultivar mais de 50 milhas quadradas. Funcionários: o diretor, um guarda-livros, um agrimensor, um fiscal, um médico, um pastor protestante, um professor e uma professora. Os colonos católicos recebem assistência do vigário da Freguesia São Pedro Apóstolo. Além disso, há quatro escolas mantidas pelos colonos. Existem caminhos carroçáveis num total de 42.020 metros, bons caminhos para cavaleiros 134.500 metros. O total de habitantes é de 2.625, sendo 1.356 do sexo masculino e 1.269 do sexo feminino, somente 154 mais do que no ano passado. Nascimentos, 88 e falecimentos, 25. A Colônia possui seis casas de recepção para imigrantes em diversos locais, além de vários pequenos galpões, dois edificios escolares, uma casa para o pastor e uma cadeia pública. Existem seis cemitérios. A construção de duas igrejas, uma protestante e uma católica, foi iniciada com a licença do Governo Imperial. Existem na Colônia 208 casas de moradia, 18 em construção, sendo ao todo 662 fogos.

Produção: 5.776 arrobas de açúcar, 560 de tabaco, 212 de café, 246 de araruta, 650 de manteiga, 860 de queijo, 32 de algodão, 123.500 molhos de milho, 15.800 medidas de cachaça, 5.706 alqueires (2) de farinha de mandioca, 2.846 de feijão e 510 de arroz. Existem 56 engenhos de açúcar, entre os quais três de ferro, 61 alambiques, 47 engenhos de farinha, 34 carroças de quatro rodas e doze arados. Animais: 274 cavalos, 1.359 cabeças de gado, 131 ovelhas, 72 cabras, 3.426 porcos e cerca de 28.000 aves (galinhas etc.). O gado, em parte, é de raça especial holandesa.

A exportação consta, principalmente, de madeiras trabalhadas, açúcar, canhaça, charutos, vinagre, fubá, araruta, batatas, manteiga, queijo, aves e tijolos. Existem cinco olarias, duas cerâmicas, três cervejarias, quatro fábricas de vinagre, dez de charutos, duas padarias, oito serrarias e cinco moinhos. No ano passado foram fornecidos: 3.500 duzias de tábuas e pranchões, 110.000 telhas, 100.000 tijolos e 550.000 charutos. Valor das tábuas 24 Contos de Réis. Foram importados: miudezas, sal, ferramentas, couro, pequena quantidade de carne seca e de farinha de mandioca, sabão, etc. na importância de 40 a 50 Contos de Réis. A exportação foi de cerca de 30 Contos de Réis.

Nota da Tradutora: (1) Um morgo colonial compreende 500 braças quadradas. (2) Alqueire, antiga medida de cereais, de capacidade variável, correspondente mais ou menos, a 13 litros, à 6ª. parte de um saco, e à 60ª. de moio.

**A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.**

Alguns dos mais importantes fatos ocorridos durante o mês e que marcam o dia-a-dia na história de Blumenau, da região, e do Estado.

— DIA 2 DE MAIO — A FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau, registra, nesta data, a passagem de 15 anos de sua fundação.

X

— DIA 4 de Maio — É inaugurada a Exposição Internacional de Arte Postal, comemorativa dos 15 anos de ensino superior em Blumenau. Local: Saguão da FURB, Participação: Diretório Acadêmico Frei Fulgêncio da Faculdade de Filosofia de Blumenau e Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau.

X

— DIA 5 DE MAIO — O Prefeito Renato de Mello Vianna recebe a visita do Diretor de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, Marcio Tavares D'Amaral, o qual assegurou ao Chefe do Executivo blumenauense que procurará oferecer todo apoio às iniciativas culturais de Blumenau e defender seus interesses junto às esferas federais.

X

— DIA 5 DE MAIO — É procedido nesta data o julgamento das fotografias dos participantes do concurso Natureza Preservada — Natureza Destruída — promovido pelo Museu de Ecologia "Dr. Fritz Müller", Assessoria Especial do Meio Ambiente e Associação Catarinense de Preservação da Natureza. Participaram do mesmo, um total de 195 fotografias, sendo 35 na categoria profissional e 160 na categoria amador.

X

— DIA 5 DE MAIO — É aberta a exposição de cerca de 250 selos, pela Agência Filatélica de Blumenau, em comemoração à Semana da Comunicação, iniciada nesse dia.

X

— DIA 5 DE MAIO — Na Catedral de Rio do Sul, foi sagrado Bispo o sacerdote Frei José Ribeiro, que nos últimos 10 anos foi vigário da paróquia de Santa Maria, em Benedito Novo. Frei José Ribeiro nasceu em Paconé, Estado de Mato Grosso, aos 28 de outubro de 1929.

X

— DIA 6 DE MAIO — Homenageando todas as Mães blumenauenses, o Prefeito Dr. Renato de Mello Vianna abre, às 14 horas deste dia, no salão nobre do Colégio Sagrada Família, o VI Encontro de Mães, que reuniu mais de seiscentas senhoras participantes dos Clubes de Mães, mantidos pela Secretaria de Saúde e Bem Estar Social em todos os Centros Sociais do Município.

**DIA 8 DE MAIO** — É iniciada na rede escolar blumenauense a vacinação BCG intradérmica, objetivando prevenção contra a tuberculose.

X

**DIA 8 DE MAIO** — A imprensa blumenauense divulga o extenso programa que o Prefeito Renato de Mello Vianna cumprirá por ocasião de sua estada, como convidado oficial dos respectivos governos da R.D.A. e da R.F.A., de 15 de maio a 15 de junho.

X

— **DIA 8 DE MAIO** — Neste dia teve início a divulgação dos editais de concorrência para a locação e exploração das áreas comerciais da nova Estação Rodoviária de Blumenau. O Edital foi divulgado pelo Serviço Autônomo Municipal de Terminais Rodoviários - SETERB.

X

**DIA 9 DE MAIO** — É inaugurada a agência do Banco Econômico em Blumenau, instalada em prédio de enxaimel, à rua 15 de Novembro. A agência, cuja construção foi iniciada em setembro de 1978, tem 1.500 metros quadrados de área construída e seu custo atingiu à cifra de Cr\$ 10.000.000,00.

X

— **DIA 9 DE MAIO** — É inaugurada, em Blumenau, à rua 15 de Novembro, 862, a loja Delden Gronau, cuja solenidade realizou-se às 10 horas do mesmo dia. A citada firma comercializa com toda a linha de tecidos e confecções Delden, fabricados com padrão internacional de Gronau S.A..

X

— **DIA 10 DE MAIO** — Nesta madrugada as águas do Rio Itajaí Açú atingiram a marca de nove metros e sessenta centímetros, causando sérias apreensões às autoridades e à população.

X

— **DIA 11 DE MAIO** — Acompanhado de Secretários e Assesores, o Prefeito Renato de Mello Vianna inaugurara, neste dia, às 17 horas, o novo Centro Infantil, localizado no Garcia e que funcionará anexo ao Centro Social do mesmo bairro. A capacidade de atendimento é para 60 crianças na faixa etária de 1 a 3 anos. Trata-se do oitavo Centro Infantil instalado na atual administração nos bairros de Blumenau. O Centro do Garcia, exigiu um investimento de Cr\$ 300.000,00 para a sua instalação. O Centro foi denominado "Dr. Ernani Senra de Oliveira".

X

— **DIA 11 DE MAIO** — Na FURB, com início às 20,30 horas, procedeu-se à solenidade do lançamento do livro "Os Contos Premiados na FURB", tendo ainda, na ocasião sido apresentados o regulamento do IV Concurso de Contos e a Nova Fase de Revista de Divulgação Cultural.

— DIA 12 DE MAIO — Duas novas praças construídas através do Departamento de Serviços Urbanos da Prefeitura, são inauguradas neste dia pelo Prefeito Renato de Mello Vianna. A primeira delas, localizada no loteamento Becker, junto à rua das Missões, contando com um “play-ground” e um pequeno sistema de iluminação e a segunda junto à ponte da antiga estrada de ferro, na Ponta Aguda, à entrada da Rua das Missões, onde, além de canteiros com aproximadamente 500 m2., foram instalados equipamentos infantis, numa área superior a 300 metros quadrados.

X

— DIA 12 DE MAIO — É inaugurado o monumento em homenagem à Mãe, à margem da Avenida Presidente Castelo Branco, proximidades da Praça Victor Konder. O monumento, que pesa 7 (sete) toneladas, é obra do escultor joinvillense Mário Avancini e foi produzido em granito branco, representando a figura de Mãe, cercada de 12 filhos.

X

— DIA 14 DE MAIO — O Prefeito Renato Vianna faz entrega, à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Blumenau — APAE — de um aparelho de fisioterapia, no valor de Cr\$ 30.000,00, doado pelo Executivo blumenauense àquela instituição. O aparelho é utilizado para produzir estímulos musculares nos membros superiores e inferiores, nos casos de paralisia, inclusive na ocorrência de paralisia facial.

X

— DIA 14 DE MAIO — É firmado, entre a Prefeitura e SAMAE, com a firma PROCUNSLT — Projetos e Consultoria S/A., um contrato para a elaboração de um projeto de ampliação da rede de abastecimento de água do SAMAE em vários bairros da cidade. Na ocasião foi revelado pelo Prefeito blumenauense que 90,09% da área urbana de Blumenau já é abastecida de água potável, superando assim o índice de 80% recomendado pelo governo aos municípios brasileiros.

X

DIA 18 DE MAIO — No saguão da FURB, realiza-se a abertura da exposição fotográfica de Ingo Penz e das poesias de Eulália Radke, uma promoção da FURB e do Diretório Acadêmico Frei Fulgêncio, da Faculdade de Filosofia.

X

— DIA 19 DE MAIO — É encenada no Teatro Carlos Gomes, a comédia infantil “O Mágico de Oz”, uma produção do Teatro da Juventude do Rio de Janeiro.

X

— DIA 19 DE MAIO — O Clube de Caça e Tiro Fortaleza, de Fortaleza Alta, promove grandiosa Festa da Pedra Fundamental da nova e suntuosa sede que pretende construir em aprazível local, no alto de uma colina, de onde se descortina o mais belo panorama do populoso bairro de Fortaleza.

— DIA 19 DE MAIO — Nesse dia teve início em Blumenau, no Centro Social Urbano do bairro do Garcia, o Campeonato Sul Brasileiro de Judô, categoria adultos, com a participação de 30 atletas representando os Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso.

## ESTANTE CATARINENSE

*por Carlos Braga Mueller*

### **NOSSA SENHORA DO DESTERRO, de Oswaldo Rodrigues Cabral**

Editora Lunardelli, 1979.

Foi por intermédio do Professor José Ferreira da Silva que este colunista tomou conhecimento da obra “Nossa Senhora do Desterro”, em quatro volumes. E o comentário sobre os livros saiu neste mesmo “Blumenau em Cadernos”, em dezembro de 1973.

Agora, dando um caráter mais sério à divulgação de “Nossa Senhora do Desterro”, a Editora Lunardelli resolveu colocar este trabalho ao alcance de todos. E enfeixou em apenas dois volumes o material originalmente constante dos quatro livros, sem perder, porém, uma só virgula.

Se a edição anterior, classificada de “experimental”, atingiu um público pequeno, temos certeza de que a presente, a definitiva, irá ter às mãos de milhares de pessoas, informando-as sobre algumas particularidades da história da nossa Capital, antes nunca divulgadas.

Para o editor, Odilon Lunardelli, “a imortal obra do Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, que temos a honra de lançar, em edição definitiva, é o mais importante repositório de informações históricas acerca da nossa ilha”.

O autor, já falecido, foi o mais produtivo escritor catarinense, e classificou “Nossa Senhora do Desterro” como “a história verídica, autêntica, sempre pitoresca, às vezes alegres e outras, muitas outras, tristes, da gente do povo que se agita nas ruas; que não sobe as escadas cerimoniosas das Casas de Governo; da gente que vive, goza, sofre e morre esquecida — mas cujos costumes, cujas alegrias e cujos sofrimentos retratam fielmente uma época — aquela em que se agitou — sem o artificialismo dos grã-finos coevos, que nela entram apenas como Pilatos no Credo”.

Para quem ainda não teve a oportunidade de ler, fica a sugestão: vale a pena conhecer tudo aquilo que o historiador Oswaldo Cabral conseguiu reunir, após anos e anos de ingentes pesquisas.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

# A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas  
**Hering**